

ANÁLISE DOS ASPECTOS TÁTICO-TÉCNICOS DO JOGO DE RUGBY UNION, NA MODALIDADE SEVENS, EM SITUAÇÕES DE “TRY”.

Palavras-Chave: Rugby; Análise de Jogo; Try.

Autores(as):

Luiz Felipe Gonçalves da Silva, FCA – UNICAMP

Me.Rodrigo Baldi Gonçalves, FEF – UNICAMP

Prof. Dr. Milton Shoiti Misuta, FCA - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Através da prática de diversos jogos oriundos das escolas e universidades inglesas do século XIX foi possível se desenvolver o rugby moderno. Desde então, o rugby se tornou um produto cultural global com mais de 500 milhões de torcedores e 128 federações nacionais filiadas à World Rugby, entidade máxima do esporte, retornando a ser um esporte olímpico, na categoria 7's, em 2016. (WORLD RUGBY; BRASIL RUGBY).

Apesar das evidentes semelhanças, o rugby “sevens” mantém sua autonomia em relação às outras modalidades de rugby, uma vez que suas alterações, principalmente referentes ao número de jogadores e ao espaço de jogo, engendram emergências que influenciam diretamente na leitura, na gestão organizacional e nas ações tático-técnicas.

O rugby é um Jogo Esportivo Coletivo (JEC) baseado na conquista de território. Assim, as equipes alternam os momentos com posse da bola, visando avançar sobre o campo adversário para impedir sua progressão e marcar pontos através de “trys”, e conversões aos postes, sendo a zona da bola o centro de combatividade do jogo (ARRUDA, 2022). A dinâmica do jogo emana da interação entre os referenciais estruturais, pautadas em seis invariantes - uma bola, companheiros, adversários, espaço de jogo, regras específicas da modalidade e um alvo a atacar e, conseqüentemente, a defender; e funcionais do jogo, definidas sob duas dimensões: princípios operacionais e regras de ação (BAYER, 1994). Ocorre uma interação complexa dos elementos constituintes do jogo que este se desenvolve. De forma que, a vasta gama de possibilidades geradas a partir desse processo acabam por tornar o jogo um ambiente imprevisível e aleatório, ou seja, “um sistema adaptativo de caráter acontecimental, aberto, dinâmico e não-linear, com múltiplas conexões e com a capacidade de auto-organização, auto-produção e de auto-transformação.” (REVERDITO; SCAGLIA, 2007).

A partir do crescimento, popularização e profissionalização dos esportes no cenário moderno e contemporâneo, houve um aumento na produção de conhecimento científico buscando compreender os diferentes fatores determinantes na performance dos atletas, diversificando e explorando, para isso, diversas áreas dos saberes e campos de atuações, evidenciando a complexidade intrínseca às demandas desportivas. Dentre muitos, o estudo do jogo a partir da observação se tornou expressivo nesse meio, sendo capaz de englobar diferentes fases do processo, desde a observação dos acontecimentos, até a sua notação e interpretação, ocupando um espaço de relevância na literatura das Ciências do Esporte (MARCELINO ET AL, 2011). Com isso, no decorrer de seu desenvolvimento, vem ampliando seu campo de análise, direcionando suas linhas de investigações à construção de novos meios e abordagens visando acompanhar a evolução dos esportes e das epistemologias que os orientam.

Ademais, ao revisar criticamente a pesquisa de análise de jogo no rugby, COLOMER ET AL (2020) destaca outros problemas vigentes, como, por exemplo: a falta de transparência nas definições operacionais utilizadas na descrição e análise do jogo; deficiências metodológicas referentes à construção e desenvolvimento dos indicadores de desempenho e do seu processo de seleção; e limitação quanto a aplicação dos resultados na comunidade do rugby. Tais fatores interferem diretamente na perspectiva de avanço, aperfeiçoamento e aplicação do corpo de investigação, uma vez que à partir da sua falta de clareza e representatividade situacional, dificulta a avaliação entre pares, sua reprodução, aplicação e a comparação entre diferentes trabalhos.

Dessa forma, fica evidente a necessidade de expandir o campo de estudo relacionado à análise de jogo no Rugby. Este estudo buscou compreender aspectos relacionados ao principal princípio operacional ofensivo no contexto da modalidade, o “*try*”, sendo, a partir da integração do conceito de Unidade de Ação, possível analisar as ações tático-técnicas e dados cinemáticos ao longo do desenvolvimento de sua posse de bola. Evidenciando, com isso, aspectos determinantes da dinâmica da modalidade e desenvolvendo parâmetros avaliativos a partir do contexto apresentado no cenário competitivo.

METODOLOGIA:

Amostra: Este estudo foi estruturado a partir das filmagens de 11 jogos, fase de grupo e mata-mata da categoria M21, da Copa Cultura Inglesa 2022 – o Campeonato Brasileiro Juvenil de Seleções Regionais de Rugby Sevens.

Esse projeto de pesquisa foi dispensado dos trâmites pelo Comitê de Ética em Pesquisas envolvendo seres humanos, tendo em vista que a pesquisa utilizará vídeos televisionados públicos, às quais os direitos e a integridades dos

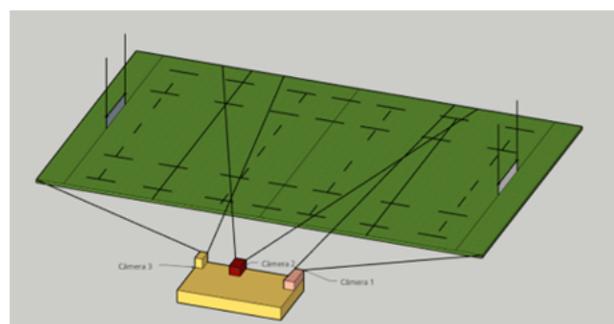


Figura 1 - posicionamento das câmeras e suas respectivas áreas de cobertura.

participantes são respeitados e protegidos (Of. CEP no 093/2023).

Filmagem: As partidas ocorreram no campo com dimensão de 110x60 metros. Foram posicionadas três câmeras, cada qual abrangendo um setor do campo, havendo espaços de sobreposição entre elas, de forma que todo o espaço de jogo fosse captado, sendo possível visualizar a posição e as ações técnico-táticas de todos os jogadores ao longo do desenvolvimento da partida, como representado na figura 1.

Instrumento: Esta pesquisa terá um caráter quantitativo, fundamentado no levantamento de dados, a fim de identificar, analisar e avaliar características pertencentes à dimensão tática presentes em situações de *try* de jogos de Rugby *sevens* em ambiente competitivo, utilizando as ações técnico-táticas dos jogadores e suas configurações cinemáticas. Para isso, utilizaremos o Kinovea 0.9.5 (*software open source* de código aberto), sendo este uma ferramenta que pode ser utilizada para análises esportivas organizada sob quatro missões relacionadas ao estudo do movimento humano: a captura, a observação, a anotação e a medição em vídeos (KINOVEA). Posteriormente a obtenção dos dados, realizaremos tratamentos matemáticos e computacionais.

Determinação de variáveis: Para a avaliação das diferentes variáveis determinadas para esse estudo, foi utilizado o protocolo referente a Unidade de Ação, sendo este correspondente a uma sequência de um conjunto de ações técnico-táticas realizadas por diversos jogadores, como representado na figura 2. Haverá o registro da posição da bola e do jogador que está sob sua posse a partir da determinação de 4 instantes (T1, T2, T3 e T4), de acordo com o iminente contato com a bola. Dessa forma, considerando a unidade de ação do 'jogador A' que receberá a bola de um 'jogador B' e, como resultado da posse de bola, fará uma possível ação técnica-tática para um 'jogador C', sendo os instantes: T1 (seja o exemplo de um passe, o instante em que a bola perde o contato com o 'jogador B'), T2 (o instante do primeiro contato na bola do 'jogador A'), T3 (seja o exemplo novamente de um passe, o instante em que a bola perde o contato com o 'jogador A') e T4 (o instante do primeiro contato da bola com o 'jogador C').

Variáveis cinemáticas e técnico-táticas: foram determinadas as variáveis cinemáticas relacionadas à posição, tempo e progressão da bola ao longo de todas as posses ofensivas que

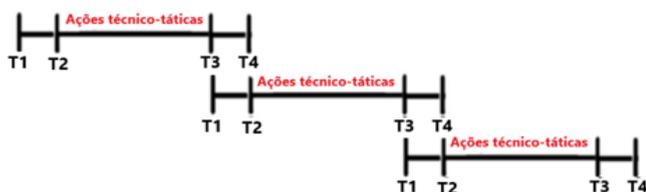


Figura 2 - sequências de unidades de ação.

engendraram "try". Dessa forma, obteve-se a posição e tempo de origem da posse, da quebra de linha defensiva adversária e do "try"; a partir disso, foram analisadas as relações entre tempo e progressão da bola entre os momentos

determinados ao longo do try, a fim de evidenciar aspectos determinantes ao "try".

Além disso, analisamos quais aspectos técnico-táticos tiveram maior ocorrência para engendrar a origem da posse, sendo esta categorizada a partir:

- Recepção de chute em jogo aberto (RJA)
- Recepção de chute de reinício (RKO)

- “Free-Kick” (FK)
- Formações - “scrum”, “maul” e “lineout” (FOR)
- “Turnover” adversário (TURN)

Ademais, foram analisados a relação entre a zona onde foi realizado o chute de conversão com a efetividade do chute. Para isso, o campo foi segmentado em três zonas iguais, sendo duas laterais e uma central, como evidenciado na figura 3.

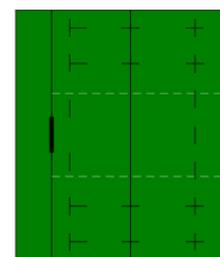


Figura 3 – Zonas laterais e central para chutes de conversão

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A posição de origem da posse para o “try” se mostrou bem variada e distribuída ao longo de todo o campo, mas as posses de “try” ainda são predominantemente iniciados no campo ofensivo (59%), principalmente através de “free-kicks” (44%), como demonstrado na figura 4. Isso evidencia a imprevisibilidade presente em cada posse de bola, engendrada a partir das conformações estruturais do jogo, uma vez que há uma grande área relativa aos jogadores, favorecendo a equipe ofensiva ao proporcionar espaçamento das linhas ofensivas e defensivas. Já em relação aos “free-kicks”, é indicado que, no contexto M21 do rugby sevens brasileiro, o reinício de jogo rápido após uma infração adversária é um recurso determinante para realização do “try”, sendo necessário outros estudos que compreendam a natureza dessa interação.

As posses da bola que geraram “try” tiveram que progredir em média (10,32±8,29) e (43,29±26,95) metros e duração de (14,41±17,16) e (21±18,28) segundos para superar a linha defensiva adversária e alcançar a meta, respectivamente. Na figura 5 estão representados a posição da origem da posse e da quebra de linha defensiva. Aqui é possível observar que a busca da quebra de linha adversária ocupa grande parte da posse da bola, mesmo que represente apenas uma pequena progressão em direção à meta, indicando que superada essa barreira, a equipe sob a posse consegue progredir muito em pouco tempo.

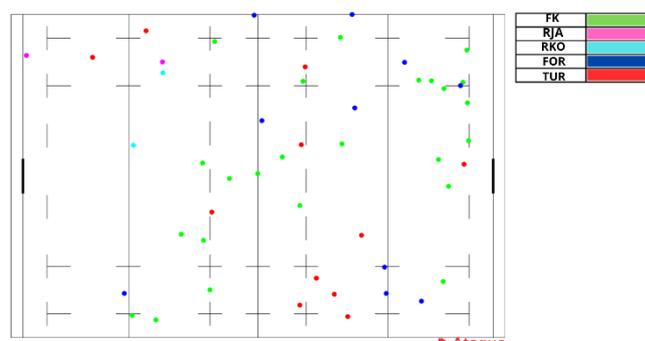


Figura 4 - origem de cada posse que geraram os “trys”

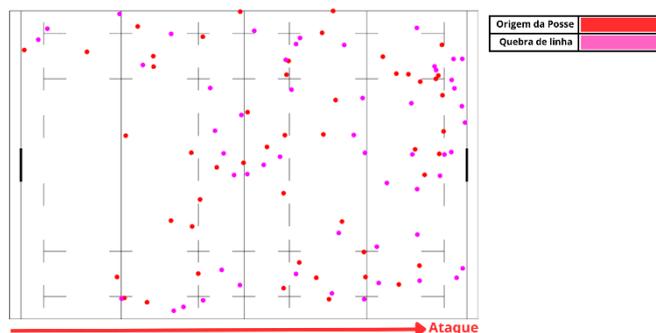


Figura 5 - Distribuição da posição da origem de cada posse e da quebra de linha defensiva das posses que geraram os “trys”

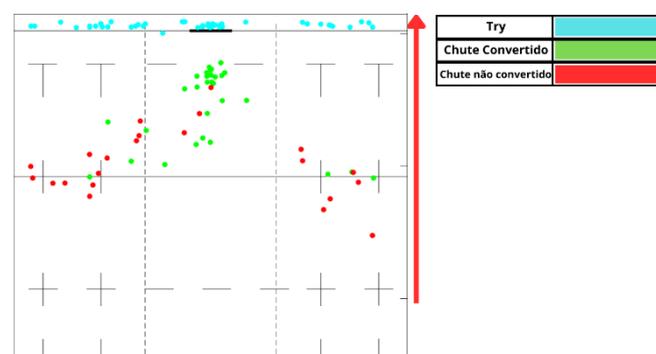


Figura 6 - Posição dos “trys” e dos chutes de conversão e indicação de foi convertido.

Além disso, na figura 6 é possível observar a relação entre a posição do chute de bonificação com a distância e efetividade. Nota-se que há diferença na taxa de conversão dos chutes realizados na zona central (87,5%) em relação às lateralizadas (24%). Isso porque, a realização do “try” determina a linha perpendicular sobre a qual o jogador pode chutar, sendo necessário tomar maior distância nos chutes lateralizados ao buscar diminuir o ângulo do chute em relação aos postes, sendo determinante na conversão do chute.

CONCLUSÕES:

A diversidade encontrada nas situações de “try” indica a imprevisibilidade engendrada pela dinâmica da modalidade, a qual cada posse se torna uma chance potencial de se pontuar, sendo a indisciplina um fator determinante. A posição do “try” foi fundamental para a conversão do chute de bonificação. Além disso, metodologicamente, o conceito de Unidade de Ação aponta potencialidade para avaliar ações e condutas tático-técnicas em jogos de rugby sevens.

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, A. ET. AL.,. **Modelo de desenvolvimento de atletas de rugby no brasil**. Disponível em: <<https://brasilrugby.com.br/dalp/>>. Acesso em: 18 dez. 2023.

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Lisboa: Dina livros, 1994.

BRASIL RUGBY. **Site da Confederação Brasileira de Rugby**. Seção de Conheça o Esporte. Disponível em: <<https://brasilrugby.com.br/conheca-o-esporte/>>. Acesso em: 18 dez. 2023.

COLOMER, C. M. E.; PYNE, D. B.; MOONEY, M; MCKUNE, A.; SERPELL, B. Performance Analysis in Rugby Union: a Critical Systematic Review. **Sports Medicine - Open** (2020) 6:4 <https://doi.org/10.1186/s40798-019-0232-x>

MARCELINO, R.; SAMPAIO, J.; MESQUITA, I. Investigação centrada na análise de jogo: da modelação estática à modelação dinâmica. 2011. **Rev Port Cien Desp** 11(1) 481–499

REVERDITO, R. & SCAGLIA, A. A gestão do processo organizacional do jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n.1, p.51-63, jan./mar. 2007.

WORLD RUGBY. **Site da World Rugby**. Seção de História. Disponível em: <<https://www.world.rugby/organisation/about-us/history>>. Acesso em: 20 dez. 2023.